

Nas tramas do invisível: a comunicação dos afetos em Michel Henry e em Donald Winnicott*

Izabel de Madureira Marques**

RESUMO

É fato: Michel Henry nos assombra com a Fenomenologia do invisível. Neste paradigma inovador, o visível e o invisível não são considerados em oposição excludente, mas se entrelaçam na própria constituição da Fenomenologia da Vida. Em Psicanálise, Donald Winnicott (1896-1971) foi um autor que se destacou por trazer à tona questões do desenvolvimento precoce do ser humano, fase na qual a relação mãe-bebê é primordial e é, de fato, fundante na constituição psíquica do sujeito. Nos princípios da vida ainda não existe a possibilidade de uma comunicação verbal, mas Winnicott nos aponta para uma outra natureza de comunicação que pode se dar ali onde há somente o corpo, os afetos e as sensações, sem ainda o advento da racionalidade ou da linguagem: Esta é a comunicação silenciosa. Procuraremos, nesse artigo, explicitar os olhares de Henry, do lado da Fenomenologia, e Winnicott, da Psicanálise, buscando possíveis pontos de diálogo e contraponto.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia da vida, Fenomenologia do invisível, Michel Henry, Donald Winnicott, Comunicação.

In the threads of the invisible: the communication of affections in Michel Henry and Donald Winnicott

ABSTRACT

It is a fact: Michel Henry overwhelms us with the Phenomenology of the Invisible. Life itself, source and guardian of Pathos, would then, for Henry, be the place of the invisible, the darkness where we experience ourselves and from where the world is perceived and felt. In Psychoanalysis, Donald Winnicott (1896-1971) was an author who stood out for bringing to light issues of the early development of the human being, a phase in which the mother-baby relationship is fundamentally important in the psychic constitution of the subject. In the beginning of life there is still no possibility of verbal communication, but Winnicott points out another nature of communication that can occur where only the body, affects and sensations exist: This is silent communication. In both Winnicott

* A primeira versão deste artigo foi apresentada oralmente nas IV JORNADAS INTERNACIONALES MICHEL HENRY (Instituto de Ciencias da Universidad Nacional de General Sarmiento - UNGS e Programa de Estudos Michel Henry), Los Polvorines, Provincia de Buenos Aires, Argentina, em novembro de 2023.

Para essa publicação, adicionamos reflexões e desdobramentos suscitados pela própria Jornada e também pelos comentários de Gillianno de Castro a este artigo, em evento de 24 de novembro de 2023, organizado pelo Labsamm - Laboratório de Saúde Mental Multimétodo – USP. A Gillianno, meus agradecimentos e créditos pelas provocações. À UNGS, à organização das Jornadas e a seus participantes (palestrantes e público), também dedico meus sinceros agradecimentos, seja pela calorosa recepção a este trabalho, seja pela qualidade da programação e riqueza dos debates.

** Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. E-mail: izabelmm@uol.com.br

and Henry, it seems to us that it is in the encounter with the other where the invisible can be felt. It is in the interweaving of affects where the subjective can become objectively perceived. It is through intersubjectivity, then, that the affects of Self and Other can be understood and recognized, in the visibility of the world and in the invisibility of the darkness of Life.

KEYWORDS: Phenomenology of life, Phenomenology of the invisible, Michel Henry, Donald Winnicott, Communication.

En las tramas de lo invisible: la comunicación de afectos en Michel Henry y Donald Winnicott

RESUMEN

Es un hecho: Michel Henry nos abruma con la Fenomenología de lo invisible. La vida misma, fuente y guardiana del Pathos, sería entonces, para Henry, el lugar de lo invisible, la oscuridad donde nos experimentamos y desde donde el mundo se percibe y se siente. En Psicoanálisis, Donald Winnicott (1896-1971) fue un autor que se destacó por sacar a la luz cuestiones del desarrollo temprano del ser humano, fase en la que la relación madre-bebé es primordial y fundamental en la constitución psíquica del sujeto. En los principios de la vida todavía no existe la posibilidad de comunicación verbal, pero Winnicott nos señala otra naturaleza de comunicación que puede ocurrir donde sólo existe el cuerpo, los afectos y las sensaciones: Esta es la comunicación silenciosa. Tanto en Winnicott como en Henry, nos parece que es en el encuentro con el otro donde lo invisible se puede sentir; es en el entrelazamiento de los afectos donde lo subjetivo puede llegar a ser percibido objetivamente. Es a través de la intersubjetividad, entonces, que los afectos del Yo y del Otro pueden entenderse y reconocerse, en la visibilidad del mundo y en la invisibilidad de la oscuridad de la Vida.

PALABRAS CLAVE: Fenomenología de la vida, Fenomenología de lo invisible, Michel Henry, Donald Winnicott, Comunicación

É fato: Michel Henry nos assombra com a Fenomenologia do invisível. Neste paradigma inovador, o visível e o invisível não são considerados em oposição excludente, mas se entrelaçam na própria constituição da Fenomenologia da Vida.

Em Psicanálise, Donald Winnicott (1896-1971) foi um autor que se destacou por trazer à tona questões do desenvolvimento precoce do ser humano, fase na qual a relação mãe-bebê é primordial e é, de fato, fundante na constituição psíquica do sujeito. Nos princípios da vida ainda não existe a possibilidade de uma comunicação verbal, mas Winnicott nos aponta para uma outra natureza de comunicação que pode se dar ali onde há somente o corpo, os afetos e as sensações, sem ainda o advento da racionalidade ou da linguagem: Esta é a comunicação silenciosa.

Procuraremos, nesse artigo, explicitar os olhares de Henry, do lado da Fenomenologia, e Winnicott, da Psicanálise, buscando possíveis pontos de diálogo e contraponto.

Michel Henry e a Fenomenologia do Invisível

O olhar de Michel Henry para a Vida humana é absolutamente autoral, profundo e singular. Não se fala, em sua teoria, de aspectos da vida, ou da vida em sentido representacional ou simbólico, mas, de maneira inovadora e radical, se trata da Vida em si. É difícilimo, mesmo para um gênio como Henry, alcançar a natureza, a constituição da Vida mesma, mas sem dúvida nenhuma este autor consegue descrevê-la de modo que reconhecemos, em seu pensamento, a presença de opostos como visível/invisível mas que, paradoxalmente, não estão em oposição excludente.

A Vida, fonte e guardião do Pathos, seria então, para Henry, o lugar do invisível, o escuro/obscuro por onde experienciamos a nós mesmos e a partir da qual tudo que é do mundo é percebido e sentido. Diz Henry: “La esencia de la vida reside en la auto-afección.” (Henry, 2010, p. 27)

Esse afetar-se da vida ocorre antes de nos apercebermos racionalmente disso, está na origem da Vida que se experimenta a si mesma, por isso Henry nos fala de uma passividade originária: antes de tudo, há vida, ou, nas palavras de Praseres:

O si, ele se experimenta a si mesmo, prova-se a si mesmo, sente-se a si mesmo. Todo ser é um si mesmo (passividade), somos passivos. Pathos, paixão, afeção, vida patética, é a própria afeção, o corpo é subjetivo. Para Henry nós não temos uma interioridade, somos a interioridade, pátos é definido como subjetividade originária transcendental, vai se revelando, se autorevela a mim. (Praseres, 2017, p. 94)

A radicalidade deste fenômeno (e a radicalidade da teoria de Henry) colocam o difícil problema de alcançar a Vida e, mesmo assim, testemunhá-la ou, melhor dizendo, experimentá-la. Diz:

Nadie ha visto nunca a la vida y tampoco la verá jamás. La vida es una dimensión de inmanencia radical. (...) La vida es invisible (...) La vida no es ni consciente, ni subconsciente, ni inconsciente, y tampoco es susceptible de llegar a serlo. (...) Pero aunque no tenga rostro, la vida no es pura nada. (Henry, 2010, p. 26-27)

Essa característica da Vida de ser invisível, sem rosto, *mas ao mesmo tempo não ser um “nada”* é o que talvez obrigue os filósofos ou pensadores a transformá-la (racionalizando) em uma abstração ou uma representação. Mas ao estudar Henry temos a sensação de que, ao fazê-lo (isto é, ao tornar a Vida uma representação – apenas para conseguirmos falar ou escrever sobre ela), no exato momento em que o fazemos, a Vida imediatamente nos escapa, e já não estamos mais a falar ou escrever sobre ela em si, mas sobre sua representação racionalizada, e, portanto, vazia.

De fato,

o mover-se com o outro na Vida no momento presente, aderido à vida, afetado, não é possível de ser realizado teoricamente ou somente pelo uso da representação, pois se trabalha com o não dito, com o originário, com os afetos e com o corpo. (Ferreira; Antúnez, 2014, p. 282)

E eis que então se coloca um problema: estamos diante de uma Vida que é pura passividade, receptividade, e com isso, como nos recorda Pagnussat (2023)¹, vivemos na condição de não-Liberdade. A vida “se experimenta a si mesma en la inmanencia radical de su auto-afección, la vida (...) es incapaz de tomar respecto de si cualquier distancia.” (Henry, 2010, p. 30)

Então nos perguntamos: como pode haver comunicação?

Afinal Henry nos disse: “quando digo que «o muro está morno», é um absurdo, é fetichismo. (...) o muro não é de modo algum morno, sou eu quem está morno” (Henry, 2014, sem pág.). Isto equivale a dizer que só podemos experimentar a nós mesmos. Não seria esta, então, a solidão mais radical?

Winnicott e a comunicação silenciosa

Winnicott parece concordar com Henry quando diz: “Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, *que cada indivíduo é isolado, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado.*” (Winnicott, 1983, p. 170)

Aqui o autor inglês parece estar se referindo ao núcleo mais íntimo do sujeito, e assim nos deparamos com a noção de *self*. O *self* winnicottiano é um conceito de extrema complexidade e que não é idêntico ao “ego” freudiano, mas mesmo em sua própria obra essas distinções não estão explicitamente claras.²

O que é importante para nós nesse momento é salientar que, em Winnicott, este núcleo de si-mesmo não é dado pelo nascimento; será conquistado aos poucos e em contato com o ambiente. Isto é, no início da vida este “eu” é apenas uma potencialidade, e é através do encontro com o outro (a mãe) que tem início seu processo de sua constituição e contorno: “*Isso que chamam de bebê não existe ... a unidade não é do indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo*” (Winnicott, 1958/2000, pp. 165-166). E ainda:

O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra na situação global. Através do cuidado suficientemente bom, através das técnicas, da sustentação e do manejo geral, a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo. (Winnicott, 1958/2000, p. 166)

Notemos a complexidade do assunto: o *self* se constitui, isto é, passa de potencialidade para a existência de fato, somente e tão somente quando este “ainda não-*self*” se encontra com o ambiente, o outro, a mãe, ou o cuidado externo a si. No entanto, como o próprio Winnicott afirmou: uma vez constituído, esse *self* não pode ser efetivamente ou completamente encontrado.

Isso corresponde a dizer que é no encontro com o ambiente que o “eu” toma forma, mas uma vez desenhado, esse núcleo não está plenamente acessível ao outro – ou ao

1 Janessa Pagnussat (Universidad Federal de Santa Maria – Universidad Franciscana, Brasil). “A passividade e a não-intencionalidade: o ser como autoafecção”, apresentado nas IV Jornadas Michel Henry, em 2 de novembro de 2023.

2 Para o aprofundamento do tema, recomendo a leitura do artigo de Leopoldo Fulgêncio: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000100012#:~:text=Winnicott%20reconhece%20este%20problema%20sem%C3%A2ntico,371

ambiente. A fusão mãe-bebê permite que o bebê se instaure enquanto um “eu”, mas isso não significa que esse mesmo ambiente (mãe, cuidador, etc.) possa conhecer, ou acessar, ou mesmo encontrar, verdadeiramente ou por completo, esse self constituído como uma unidade. Como podemos conceber que um “centro de gravidade” possa se desenvolver apenas (e apenas quando) entrar em contato com o ambiente, mas que, uma vez que foi constituído situe-se num lugar de “obscuridade”, isto é, que seja, em termos radicais, inacessível a este mesmo ambiente?

Esse problema também se encontra em Michel Henry, embora de maneira diferente.

A teoria henryana atribui ao ser humano uma solidão essencial e inescapável, porque segundo o autor só podemos experimentar a nós mesmos, estamos como que “presos” ao Pathos. Isto seria equivalente a dizer que estamos reduzidos ao mais radical solipsismo? Ele mesmo se pergunta:

Una fenomenología de lo invisible, ¿no es una contradicción en los términos? Por otra parte, en la venida a sí de la vida en calidad de su auto-afección patética y, como tal, radicalmente inmanente, nace un Sí mismo cuya materialidad fenomenológica es la de dicho pathos. Tal «Sí mismo», apoyado en una subjetividad acósmica, pero además encerrado en ella, ¿no está condenado al solipsismo? (Henry, 2009, p. 35)

Por outro lado (ou melhor, do mesmo lado. Ou melhor dizendo: não há lados!), estamos todos imersos na mesma Vida, somos irmanados justamente pela mesmíssima condição humana: a inescapável e absoluta passividade diante da Vida.

Praseres, referenciando Henry, diz: “viver a sua vida como algo que se recebeu é, necessariamente, experimentar um respeito infinito por si mesmo, e isto já é em si uma religião” (Praseres, 2022, p. 69). E além do respeito infinito por si mesmo, está uma compreensão profunda sobre o outro, a condição do outro, que nos parece ser maior e mais profunda do que a simples noção psicológica de “empatia”. Pois se somos todos radicalmente passivos pela doação da Vida, o que nos aproxima uns aos outros é muito mais do que uma capacidade subjetiva psicológica de “se colocar no lugar do outro”: *o lugar do outro é de fato o mesmo lugar de si*. Ao ser radicalmente Si mesmo, cada ser humano se comunga com o seu semelhante em irmandade, já que o outro é também passivo da Vida. Trata-se, então, de uma espécie de solidão fundamental mas compartilhada; um solipsismo radical assentado no mesmo “fundo”: o Fundo da Vida mesma.³

O esforço de acessar o fundo escuro do outro parece ser o que nos impele a nos aproximarmos uns dos outros, como se ansiássemos pelo sentimento de comunhão.

No entanto, “o centro do centro” do outro necessariamente me escapa, e se forçarmos ou insistirmos nesse acesso poderemos incorrer em uma aproximação intrusiva.

De fato, Winnicott sinaliza que há um risco de invasão subjetiva, fratura ou uma espécie de “devassamento íntimo” ao se tentar atingir ou alcançar esse núcleo do self – e essa intrusão pode ter consequências desastrosas.

³ É sempre arriscado e difícil estabelecer diálogos entre a Fenomenologia da Vida de Henry e as teorias psicanalíticas. Esta dificuldade advém da persistente sensação de que estamos trabalhando aqui sobre vieses demasiadamente distintos, e acessando conceitos e até mesmo antropologias diferentes, isto é, a própria concepção do humano e a teorização do psiquismo, da Vida mesma, do corpo, etc. são próprias a cada campo de estudo e aproximações entre elas precisam ser feitas sob muitas ressalvas e reticências.

O psicanalista inglês nos conta que certa vez, atendeu a uma paciente que, quando criança, costumava escrever ideias e pensamentos em um caderno. O título da “obra” era: “Meu caderno secreto”. Na primeira página a menina escreveu: “um homem é aquilo que pensa em seu íntimo.” Então um dia a mãe da menina lhe perguntou “de onde você tirou esse pensamento?” Para Winnicott, esta não foi uma boa pergunta, pois indicou que a mãe tinha lido o caderno secreto da filha.

Por isso o autor nos fala que há a “reivindicação do direito de não me comunicar. Em outras palavras, esta seria a fantasia de ser devorado e engolido. Na linguagem deste estudo, é a *fantasia de ser descoberto*.” (Winnicott, 1963/1983, p. 163) Há então, um “eu do indivíduo que não se comunica, ou o núcleo pessoal do eu que é um isolado autêntico” (Winnicott, 1963/1983, p. 163).

É claro que há casos de padrões patológicos em que a não-comunicação ocorre por uma recusa, e nesse caso falaríamos de um silêncio reativo, como uma necessidade que, segundo Winnicott, tem a função de restaurar o equilíbrio. No entanto (e é aqui que, a meu ver, entramos em contato com a criatividade e originalidade da teoria winnicotiana), *também em pessoas psicologicamente saudáveis* existe essa necessidade, isto é, não por patologia ou sofrimento internos, mas como algo constitucional. Ele diz: “Há lugar para a ideia de que o relacionamento e a comunicação significativas são silenciosas. (...) Deve-se ser capaz de fazer uma afirmação positiva do uso sadio da não-comunicação no estabelecimento do sentimento de realidade.” (Winnicott, 1963/1983, p. 168)

Em outro trabalho (Marques, 2020, p. 206-7), discorri sobre o delicado problema de olhar e ser olhado ou não olhar e não ser olhado, também como aspectos de uma possível violação da intimidade humana. Naquela obra salientei o fato de que, embora o olhar e o reconhecimento do outro - pelo olhar- possam ser compreendidos como gestos amorosos, por outro lado é também importantíssimo considerarmos o aspecto do *resguardo ou proteção do olhar alheio*. A possibilidade de estar só ou de encontrar-se fora do “radar” da observação significa, no humano, um caminho para a individuação e um gesto de respeito à necessidade de privacidade e de intimidade consigo mesmo.

Essa necessidade existe também, para Winnicott, em relação à comunicação e, como vimos, em sua teoria a não-comunicação faz parte do universo do ser humano psicologicamente sadio e deve ser respeitado como um direito e uma necessidade. A comunicação, quando acontece, se origina então a partir de um lugar interno silencioso, e qualquer tipo de tentativa intrusiva de adentrar esse núcleo inalcançável só pode ser nociva ou até violenta. O autor comenta, inclusive, que os adolescentes, que têm uma especial demanda de privacidade, muitas vezes evitam a Psicanálise por receio de se sentirem “estuprados espiritualmente” como decorrência do trabalho analítico.

Outros pensadores são citados por Winnicott e corroboram essa ideia. Fordham escreve: “a experiência primordial ocorre na solidão”; Erik Erikson enuncia a bela frase: “a paz vem do espaço interno” (in Winnicott, 1963/1983).

Winnicott e Henry: um diálogo

Na Fenomenologia radical de Henry, como podemos conceber o tocar, o experimentar o Outro, ou mesmo se comunicar com este Outro, que é também ele, um Si mesmo sem liberdade de sair do “abraço consigo mesmo”?⁴

Ou seja, como fica o encontro com o Outro, se é que esse encontro ou comunicação é possível?

Quero aqui propor três imagens que podem nos ajudar nesse difícil impasse.

A primeira cena é uma criação minha, uma imagem didática, por assim dizer, que concebi para ilustrar meus argumentos nesse trabalho: temos duas pessoas, uma em frente da outra, a Pessoa A e a Pessoa B. A pessoa A abre uma torneira e molha suas mãos. A pessoa B não faz nada e continua com as mãos secas. A pessoa A, de mãos molhadas, então se aproxima da Pessoa B e toca-lhe as mãos. Agora as mãos de B também estão molhadas. A pessoa B sente a sensação de umidade em sua própria mão, e por isso pode saber como a Pessoa A sente a umidade na mão dela, mas B só se “irmana” a A *porque sente a umidade em sua própria mão* – e não na do Outro, obviamente. Mesmo quando a mão do Outro te toca, é a sua mão tocada que é sentida.

A segunda imagem aconteceu realmente, é uma cena que testemunhei. Um menino pequeno, de 3 anos ou um pouco menos, está encantado com a maciez de seu novo cobertor. Sempre que entra em seu quarto, corre para passar as mãozinhas na cama e parece desfrutar muito desse prazer sensorial. Um dia, enquanto a criança brincava em seu quarto, sua mãe entra no cômodo e assim que a vê, o menino larga seu brinquedo, corre até a cama e, esfregando as mãozinhas sobre o cobertor, diz para a mãe: “Olha, sente como é macio. Sente?!” Aqui existe uma suposição infantil de que o menino e sua mãe *sentem juntos as mesmas sensações*, por isso quando a criança toca o cobertor macio, lhe parece óbvio que sua mãe também pode senti-lo, simultaneamente, mesmo a mãe estando parada na porta do quarto, longe da cama e do cobertor.

Em uma terceira cena, também real e também tendo uma criança como protagonista, uma menina de 5 anos assiste desenho animado na TV “acompanhada” de seu boneco favorito. Era um boneco grande, quase de seu tamanho, e ela o chamava de “meu namorado”. Costumava assistir TV acompanhada dele. Um dia testemunhei a seguinte cena: a menina, entretida com o desenho, olha para o boneco e nota que a cabeça dele está em um ângulo que não permitiria ao boneco “ver” a TV, então a menina ajusta a cabeça do boneco, tomando a sua própria cabeça como referência, para que o boneco possa, também, “usufruir” do divertido desenho animado televisivo.

Nestas cenas vemos a questão, em diferentes níveis do desenvolvimento psíquico, de exercício de *alteridade*, no caso do menino vemos uma criança ainda em suposta “simbiose” com a mãe; no caso da menina, já temos a possibilidade de enxergar um “Outro” no boneco. (Isto é, não basta que ela assista ao desenho com a cabeça na direção certa, é preciso que a cabeça do boneco também esteja no ângulo correto para que ela possa compartilhar a experiência de diversão.)

Mas então nosso trabalho se depara com um novo problema. Winnicott está no campo da Psicanálise, e portanto concebe e discorre sobre um “psiquismo”, um aparelho psíquico,

⁴ Expressão recorrente nas IV Jornadas Michel Henry (2023).

um desenvolvimento da subjetividade, do “self” etc. Henry, por sua vez, está no campo da Fenomenologia, ou, como disseram colegas das IV Jornadas Michel Henry, talvez numa “Fenomenologia inversa”, mas que de forma nenhuma se sustenta nos conceitos de psiquismo, consciente ou inconsciente.

Portanto, devemos tomar todos os cuidados ao colocar esses dois pensadores para dialogar. Winnicott fala de uma comunicação silenciosa a partir de uma subjetividade psíquica, ôntica, enquanto Henry fala de uma invisibilidade da Vida mesma, da Vida em si, ontológica, que mora atrás, ou no “Fundo do fundo” de todo vivente.

De qualquer maneira, é impossível não enxergarmos uma sintonia, ou afinidade, por assim dizer, entre os postulados destes dois homens criativos.

Com Henry, pensamos que a vida patética nos ocorre passivamente – a Vida enquanto passividade –, mas ao mesmo tempo sabemos, e experimentamos, que de algum modo esse tecido dos afetos pode ser comunicado ativamente. E Henry afirma, contundente: afinal, os “fenômenos do invisível são descritíveis” (Henry, 2014, p. 308).

Tanto em Winnicott quanto em Henry, parece-nos que é no *encontro com o outro* que o invisível pode ser acessado pelo visível; é no entrelace dos afetos que a intersubjetividade pode se dar. Ainda que a obscuridade do Pathos more no invisível, “É este corpo invisível que é além do mais *a fonte do desejo*: em presença do corpo do outro, eu percebo um corpo visível mas pressinto uma subjetividade e é ela que quero alcançar.” (Henry, 2004, sem pág.)

E será possível alcançar?

O problema da intersubjetividade na perspectiva henryana foi brilhantemente trabalhado por Mario Lipsitz. Segundo o autor argentino, há várias camadas de dificuldade quando nos deparamos com a noção de que, embora seja radicalmente impossível experimentar o Outro enquanto Outro (isto é, o Outro necessariamente nos escapa), ao mesmo tempo Henry nos fala de um Fundo compartilhado, e que portanto nos colocaria, eu e o Outro, como que em uma espécie de companhia profunda, fundante e originária.

A dificuldade das abordagens de Henry ao tema do eu, do Outro, da Intersubjetividade e do possível ou impossível “encontro” entre si e o outro passa também pelas novidades que o autor foi incorporando ao seu pensamento, ao longo do tempo.

Em realidade, Lipsitz enxerga três etapas no pensamento de Henry sobre este tema, no decorrer de sua obra:

A primeira tem início em 1987, quando Henry concebe um Fundo que precede cada vivente finito e que é comum a todos os viventes. Em 1993 surge a segunda etapa, com a fenomenologia do nascimento transcendental e finalmente a terceira, entre 1993 e 1994, quando o filósofo revisita a noção de Fundo de 1987 atribuindo a ela uma Ipseidade própria, ou melhor dizendo, a Arqui-Ipseidade. Nessa época Henry está debruçado sobre a fenomenologia do Cristianismo e associa este Fundo-Arqui-Ipseidade a Cristo. Assim, todos os viventes formariam uma Comunidade em Cristo, pois cada ipseidade toca o infinito de si neste Fundo e ali também toca todos os outros viventes, todos oriundos da mesma doação da Vida.

Mas há uma questão problemática aqui. Lipsitz explica: “La comunidad de vivientes, nos dice entonces Henry, es comunidade en Cristo, Archi hijo de la vida que en la inmanencia separa y a la vez comunica al viviente finito con su vida infinita y con los otros vivientes.” (Lipsitz, 2020, p. 120) Onde está o impasse, a nosso ver? Está precisamente nessa pequena passagem: “separa y a la vez comunica...”. Estamos tratando, portanto, de

um fenômeno, ou melhor dizendo, uma condição (a humana) em que *estamos ao mesmo tempo separados e unidos a nós mesmos* (o finito e o infinito coexistindo) e da mesma forma *estamos, também ao mesmo tempo, separados e unidos aos demais viventes* (separados porque cada um é uma Ipseidade e um Eu, mas unidos pelo Fundo comum, da Vida mesma).

Citando a conferência de Michel Henry de 1987, em que debate a questão da comunidade, Mario Lipsitz menciona três estratos da teoria henryana indissociáveis experencialmente: o sentir a si mesmo como vivente, o sentir o Fundo da vida, e o sentir ao outro na medida em que esse outro também é este Fundo. E então reflete:

Este primer abordaje del lazo con el Otro concluye que los vivientes nos encontramos abismados en lo mismo, abrevando en un mismo Fondo; la comunidad es pues –cito a Henry- “una napa afectiva subterránea de la que todos beben sin saberlo”. Ahora bien, de los tres componentes páticos (...) “sentir al otro sintiéndose” (...) es definitivamente lo que *no* podemos. La comunidad transcendental no me entrega la experiencia ipseizada y aún menos egoizada que el otro hace de sí. El lazo transcendental con el otro consiste en experimentar “la venida a sí de la vida en la que cada uno de (los vivientes) viene a sí como el sí que es”. Lo que, en cambio, esta experiencia no puede hacerme probar es, por así decirlo, el sabor del “sí” que cada uno es. La comunidad de vivientes se arroga entonces un difícil plural. (grifo meu)

La comunidad es en Henry un lazo impersonal preipseizado, pre-egoico y presubjetivo y no un encuentro en la diversidad. (Lipsitz, 2020, p. 120-1)

Nos chama a atenção a efetiva impossibilidade de experimentar o Outro com “seu sabor próprio” na visão henryana, como o autor belamente descreve. O que cada vivente tem de único, irrepetível, e que desenha no espaço e no tempo um “eu”, afetado e afetante do mundo, de si mesmo e dos outros, é, um ente sensível às experiências (materiais, afetivas, etc.) mas ao mesmo tempo um vivente radicalmente inacessível, e inacessível exatamente naquilo que traz de infinito, de invisível, de obscuro. O que aliás aparenta ser um paradoxo: se o que nos aproxima como viventes é o nosso Fundo comum, por outro lado não me parece ser dada a condição de acessar esse Outro no seu exato ponto de encontro com o Fundo da Vida.

E aí também nos deparamos com outro problema: a correlação henryana entre ipseidade e ego. Como Mario Lipsitz sinaliza, Henry apresenta uma identidade entre ipseidade e ego, o que levanta vários pontos de interrogação. Um deles recai sobre a condição dos animais (e eu adicionaria também as plantas, não são viventes também?) Se este Si mesmo de Henry implica necessariamente em um ego, temos que assumir que os animais ou plantas tem algo correlato a “egos”... Mas este é um problema tão complexo que certamente merece um estudo unicamente a ele dedicado. Assim como o Ego e o Self de Winnicott não parecem ser idênticos (nem entre si e nem em relação à teoria clássica freudiana), também em Henry parece haver um campo um tanto movediço quando tratamos de “eu”, Si-mesmo, ego, ipseidade.

Uma última questão no trecho citado de Lipsitz tem para nós importância fundamental: trata-se da reflexão sobre a individualização humana, e aqui novamente convidamos Donald Winnicott para conversar conosco.

Como bem salientou o autor argentino, em Henry o Fundo comum a todos os viventes é “pré-egóico”, pré-indivíduo, anterior, quase “atrás” de qualquer contorno de um Eu, com suas particularidades únicas e singulares, com todos os atributos que fazem de um Eu, um “Eu”. Temos a leitura de que, em Henry, a “impressão digital” (o ego, ou o desenho da personalidade do sujeito) estaria mais afastada do Fundo da Vida comum, que reside em uma dimensão anterior, onde não há distinção entre homem e mulher, ou mesmo entre Eu e o Outro:

Pues no se trata de una comunidad en el sentido de un encuentro plural entre ipseidades y aun menos entre egos, sino de la prueba de un fondo común que es una experiencia transcendental de vivientes no individuados y hasta, según afirma Henry, potenciales: allí donde está el Fondo no hay ni Yo ni Tu, sino lo mismo que hay en tí y en mí. (Lipsitz, 2020, p. 121)

Essa realidade pré-egóica nos lembra de Winnicott e sua descrição do começo da vida: um estado tal em que bebê e mãe não se distinguem, são um e a mesma coisa, não há bebê sem a mãe e não há mãe sem o seu bebê. O ego, ou o Self, só irá se constituir por diferenciação a partir desse “Fundo comum”: a fusão mãe-bebê.⁵

Depois então que o ego se constitui, o acesso ao Outro se torna uma impossibilidade? “Como podemos constatar, “sentir al otro sintiéndose’, aquella exigencia formulada desde los años 40, es definitivamente *lo que no podemos.*” (Grifo meu) (Lipsitz, 2020, p. 121)

Surge então o aflitivo anseio, no ser humano, de encontrar um Outro Eu, que possa me oferecer uma companhia densa, fundante; uma ânsia de experimentar o Outro de maneira tão profunda, que talvez pudesse permitir que tocássemos o Fundo do Outro, para quem sabe tornar-nos, Eu e o Outro, um só.

Para Henry, esse é o verdadeiro anseio da sexualidade:

Na teoria do erotismo pode mostrar-se que o desejo – e é por isso que ele recomeça infinitamente – visa alcançar algo que não pode tocar no mundo mas que se toca a si mesmo fora do mundo e que é justamente a vida, a vida invisível daquele ou daquela que eu desejo. De facto, todos os gestos do desejo são atos simbólicos nos quais procuro aproximar-se do lugar no qual coincido com o prazer do outro. Mas é um problema metafísico saber se realmente acedo a esse lugar onde o outro se experiencia/ vive/ prova a si mesmo nessa imediação que é a vida. (Henry, 2004, sem pág.)

Esta descrição nos sugere que a condição humana nos impõe uma solidão pungente. Talvez atravessemos a vida com *saudades de experimentar um Fundo comum* – o Fundo da Vida – *juntamente com o Outro*, acompanhada profundamente desse Outro.

5 Novamente salientamos: estamos aqui propondo um diálogo entre Henry e Winnicott mas sempre com o cuidado de deixar claros os diferentes conceitos e perspectivas de cada autor: enquanto Winnicott está tratando da constituição do Self, ou do eu, a partir de uma condição pré-egóica vivida pelo bebê junto à mãe, Henry nos ensina sobre a condição mesma de cada vivente, tocando o Fundo do Fundo da Vida em Si (para Henry, a Comunidade em Cristo).

Tocar a Carne

Será possível atingirmos o desejo, o anseio último de nos encontrarmos com o outro “enquanto outro”?

Nesse ponto Michel Henry nos frustra com a resposta: não. Diz o filósofo: “Si el deseo consiste en alcanzar la vida del otro en ella misma, allí donde esta se alcanza en su propia carne originaria, este deseo nunca realiza su meta” (Henry, 2014, 301).

Enquanto para Henry é, a rigor, impossível tocar a Carne do Outro, Mario Lipsitz não pensa da mesma forma. O autor argentino defende a ideia de um encontro de afetividades no êxtase sexual que põe tudo que é o objetivo em suspensão, permitindo que os amantes acessem Pathos puro. Para Lipsitz, a relação sexual é como a redução fenomenológica, a suspensão última do pensamento, do julgamento, onde só resta a entrega à vida, ao pathos, como puro sentir e nada mais:

La relación sexual es ella misma la epokhé fenomenológica y el total desasimiento al que se accede por sólo querer la vida, por solo entregarse a su pasión de sí, una reducción a la esencia fundante de la vida intencional, a su posibilidad última, a la afectividad pura de una auto-donación en la inmanencia donde, junto con la luz, lo visto, lo tocado y también el Yo, ha desaparecido el mundo llevándose consigo todos los cuerpos y con ellos los cuerpos objetivos de los amantes. Una reducción donde, sin embargo, la persistente ipseidad de la carne impresional que no deja de sentir experimenta lo que nunca ha podido experimentar en ella misma y por sí sola y que sólo puede conocer en esta reducción amorosa. En el punto más alto de esta relación que ha hecho desaparecer sus términos, lo que se siente no es un yo quien lo siente sino, por el contrario, lo siente la ipseidad de un pathos que tiene cautivos y cautiva a dos “yo” al borde de la extinción; “ni yo ni el otro”. (Lipsitz, 2020, p. 127)

Mas este limite (“al borde de la extinción”) dos “Eus” é, ao fim, ultrapassado? Conseguimos, ainda que por um efêmero instante, resgatar e tocar essa dimensão do infinito, do invisível, no Outro e em si, fusionados em um só Pathos? Ou nos detemos um pouco antes, à beira do Abismo?⁶

Essas questões nos colocam impasses igualmente difíceis e fascinantes.

O pensamento de Henry e sua radicalidade nos assombram com a “sina humana” de ansiar pelo Outro mas nunca poder tocar sua Carne; Lipsitz, por sua vez, nos dá um alento e enxerga a possibilidade de uma comunhão de tal ordem que dissiparia os limites do Eu.

De qualquer modo, parece seguro afirmar que é pelo Fundo comum da Vida, então, que os afetos de Si e do Outro podem se compreender e, se não puderem efetivamente se tocar, conseguem decerto se reconhecer mutuamente, como vindos de uma mesma origem e alimentados pelas mesmas águas profundas – o Pathos.

É na Vida em si que me experimento a mim mesmo, mas na comunicação com o Outro posso molhar a minha mão ao tocar as mãos molhadas do Outro, e assim buscar e tentar, ou tatear, um encontro profundo na visibilidade do mundo e na invisibilidade do escuro da Vida.

⁶ Nesse momento da discussão é impossível não nos lembrarmos da expressão francesa: “la petite mort”.

Minha mão só é tocada
Pelo calor que de si mesma emana.
O que vejo no outro é meu/
Tenho nome e ninguém me chama.

Parece que o encontro, então
Ao final, nem acontece.
É sonhado, num anseio...
Mas logo desaparece!

Mas se de solidão estou completo
Seja por falta ou afeto
Quando encontro com você
O futuro fica mais perto

Isso não é meu, isso não é seu
Escorrega - é quase uma crença.
Mas mesmo fugidio...
Existe. E é presença.

É como uma lembrança
(um pouco mais concreta)
Que vou voltar pra casa – e a porta está aberta.

É como um trajeto escondido
Que eu vivo buscando (admito).
Como um indício, pista ou caminho
Que aponta pro Fundo Infinito.

(Marques, I. abril de 2025)

Bibliografia

Ferreira, M. V., Antúnez, A.E.A. (2014) “Narrando o pathos na psicoterapia: contribuições da fenomenologia da vida de Michel Henry.” En: Antúnez, A. E. A., Martins, F., Ferreira, M. V. (Orgs). *Fenomenologia da vida de Michel Henry: Interlocuções entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta, p. 273-289.

Henry, M. (2004). “Arte e fenomenologia da vida”. Trad. Erika Rodrigues Colombo Revisão: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez. *Entrevista com M. Huhl e J-M. Brohm*, Prétentaine, n. 6, Esthétiques, 1996. En: *Phénoménologie de la vie – Tome III*. Paris: PUF, p. 283-308.

https://fenomenologiadavida.ip.usp.br/programas/procontes/#_ftn1

- Henry, M. (2009). *Fenomenología material*. Ensayo Preliminar de Miguel García-Baró. Tradução Javier Teira y Roberto Ranz. Madrid: Encuentro.
- Henry, Michel (2010). *Fenomenología de la vida*. Buenos Aires: Prometeo Libros/Universidad Nacional de General Sarmiento.
- Henry, M. (2014) *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações.
- Lipsitz, M. (2020) “Yo y Tú como Otro. Una reflexión en torno a la comunidad, el nacimiento y la sexualidade en la obra de M. Henry”. En: Antúnez, A. E. A; Lipsitz, M. (org). *Cadernos II III Jornadas Internacionais Michel Henry e textos sobre Saúde Mental*. UNGS, Buenos Aires 1ª Edição São Paulo Psicologia/USP Universidade de São Paulo. Livro digital: http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/circulo_fenomenol%C3%B3gico_vida_clinica2.pdf
- Marques, I. M. (2020) “Gerações e revelações: psicanálise, fenomenologia e o olhar sobre o vínculo intergeracional.” En: Baptista, Ana Maria Haddad; Damiano, Gilberto Aparecido; Todaro, Mônica de Ávila; Barbosa, Vanderlei.. (Org.). *Fenomenologia, educação e psicanálise*. 1ed. Lavras: UFLA, v. 1, p. 7-261.
- Pagnussat, J. “Narrar o pathos: o movimento fenomenológico da vida.” *Revista Ideação*, 1 (46): 122-133. Link: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/7734/7583>
- Pagnussat, J. (2022) “Como pensar a fenomenologia do invisível? How to think about the phenomenology of the invisible?” Resenha de: FABRI, Marcelo; GRZIBOWSKI, Silvestre. *Introdução à fenomenologia do invisível: (o amor, o desejo, a vida)*. 1. ed. Curitiba: CRV.
- Praseres, J. S. (2017). “Fenomenologia da Afetividade: um estudo a partir de Michel Henry”. En: *Corpo e Afetividade: atas/Colóquio Internacional Michel Henry*. Coords. Ana Paula Rosendo, Carlos Morujão. Lisboa: Universidade Católica Editora, p. 89-107.
- Praseres, J. S. (2022). *De uma Filosofia do Corpo a uma Fenomenologia da Carne: um estudo a partir de Michel Henry*. (Tese de Doutorado). Universidade Beira Interior, Covilhã, Portugal. Link: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/12055/1/Janilce%20Praseres%2C%20De%20uma%20Filosofia%20do%20Corpo%20a%20uma%20Fenomenologia%20da%20Carne%2C%203%20de%20Fevereiro%20de%202022%20%28Vers~1.pdf>
- Winnicott, D. W. (1983). “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos”. En: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trad., pp. 163–174). Artes Médicas. (Original publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (2000). “Ansiedade associada à insegurança”. En D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 163-167). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958).